



Coberturas de Violência e Segurança no jornalismo diário no ES¹

Luisa Bertollo DETTONI²

Sylvia Ruth Ferreira de OLIVEIRA³

Victor GENTILLI⁴

Universidade Federal do Espírito Santo, com apoio Fapes SECT-ES

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo fazer um diagnóstico da produção jornalística sobre violência e segurança pública nos principais jornais diários no Espírito Santo, A Gazeta e A Tribuna, a partir dos critérios éticos e técnicos para a construção da cidadania. Por meio de análises qualitativas nós traçamos um retrato do que é e de que maneira é veiculado, com o intuito de problematizar essas questões e promover um debate sobre as implicações do jornalismo de violência na sociedade capixaba.

Palavras-chave: Jornalismo regional, violência, segurança pública

Introdução

O jornalismo policial conseguiu seus leitores explorando o desejo de satisfazer as curiosidades dos seus leitores. No passado isso já foi muito mais evidente de acordo com os princípios éticos. Hoje com uma maior profissionalização da prática, as deficiências do jornalismo policial se mostram cada vez menos evidentes já que caiu no senso comum que o jornalismo policial é feito de matérias factuais e pouca reflexão ampla sobre o assunto. No Espírito Santo, essa opinião não parecia ser diferente. Por isso, a partir da leitura e análise dos jornais A Gazeta e A Tribuna, no período de março a maio, nós observamos na prática se essa hipótese se sustentaria.

Dentro dos parâmetros utilizados vamos considerar duas perspectivas: os critérios técnicos e éticos, ou seja, a produção e as considerações dos fundamentos morais necessários para uma reportagem bem estruturada.

¹ Trabalho apresentado em Mesa Temática Jornalismo da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Comunicação/Jornalismo da UFES, email: luisadettoni@hotmail.com

³ Estudante de Graduação 6º. semestre do Curso de Comunicação/Jornalismo da UFES, email: sylvia.rfo@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação/Jornalismo da UFES, email: vgentilli@uol.com.br



Características de AT e AG

A Tribuna, predominantemente voltada para as classes B e C e tem formato tablóide. O noticiário sobre violência é assumidamente o carro-chefe do jornal, com constantes destaques de capa e reportagens especiais além de uma editoria própria que fica no meio do impresso e conta com quatro páginas.

A linguagem é simples e a abordagem é de cunho emocional. Tende ao sensacionalismo embora não deslize completamente para o popularesco vexatório notado em diversos outros jornais com linhas editoriais semelhantes. A Tribuna vive o paradoxo de um jornal com formato e linguagem populares, mas que tenta não chocar o leitor ao mesmo tempo que quer vender.

Diante desse desafio, A Tribuna costuma falhar nas repetitivas reportagens especiais, nas fontes predominantemente policiais e nos detalhes pitorescos.

Já o diário A Gazeta, tem formato standart e é voltado para as classes A e B. Suas editorias fortes são política e economia, temas de maior interesse do seu público. A editoria de polícia sofreu mudanças expressivas na última década, quando foi agregada à editoria Dia a Dia (de notícias gerais) e recebeu o nome Segurança. Essa mudança, no entanto, não passa de uma reprodução de uma prática já utilizada em outros jornais brasileiros.

De todo modo, vale registrar que antes dessa reforma, o jornal apresentava o noticiário policial no final do jornal, depois de Cidades e antes de Esportes. A ordem das editorias era: Primeira Página, Política, com Opinião na 5 e 6, Economia, Geral, Polícia e Esportes. O caderno de lazer, entretenimento, arte e cultura vem à parte.

A seção Segurança, então, está presente nas últimas páginas de Dia a Dia, que é a primeira do jornal. As notícias policiais não ocupam mais do que duas páginas, mesmo em grandes coberturas.

Um dos diferenciais de A Gazeta é a sua redação multimídia, que integra todos os veículos de comunicação da Rede Gazeta: rádio, televisão, internet e o próprio impresso. A partir das nossas observações, podemos notar o grande número de matérias creditadas à “redação multimídia”, que tem a vantagem de ter um número maior de profissionais com mais recursos de agilidade na apuração do que numa redação tradicional.

Características principais quanto à apuração

Os mais notáveis itens da cobertura policial dos jornais capixabas analisados são o uso indiscriminado e praticamente único dos chamados boletins de ocorrência (BOs). Nem todas as matérias citam o uso desses boletins, mas com as informações apresentadas fica implícito o uso



desse documento. Esse uso utilizado geralmente como fonte única para as matérias é o grande problema já que isso não permite a pluralidade do discurso.

A Tribuna, por exemplo, traz diariamente uma coluna com notas de casos superficiais e irrelevantes para a sociedade. Na edição do dia 3 de junho, a página de abertura da editoria de polícia, apresentou uma coluna inteira com cinco notas visivelmente apuradas diretamente da redação. Todas elas sem apresentação de fontes, citações, ou qualquer outro tipo de referência de apuração. Apenas uma das notas faz referência à Polícia Rodoviária Federal.

A Gazeta é mais sutil na utilização das notas policiais. No entanto, os elementos utilizados e a estrutura são os mesmos de A Tribuna: a ausência costumeira de fontes e citações e informações que evidenciam o uso dos boletins de ocorrência como única e exclusiva referência. No dia 5 de junho, por exemplo, de uma página e meia dedicada à editoria de segurança, havia duas notas com essas características. Apenas a segunda nota tinha uma citação de uma testemunha de um assassinato.

Também as matérias carecem de uma maior diversidade de fontes. A grande maioria das matérias tem versão única ou unilateral. A primeira diz respeito às matérias que apresentam várias pessoas falando mas que defendem uma única versão, já a segunda traz uma única fonte e obviamente um único ponto de vista, geralmente a polícia (delegados e soldados). Além dessa podemos destacar a família da vítima, a própria vítima e quase nunca o acusado. Esse tipo de fonte mostra o predomínio de matérias factuais.

Matérias temáticas, como veremos a seguir, dão mais oportunidades do jornalista explorar fontes diferentes. Mesmo assim, quando as fontes não são unilaterais ou de versão única, ou seja, com mais de uma versão, o peso da fala da autoridade policial é sempre maior do que os demais.

Ainda relacionado às fontes, é pouco presente o conflito de ideias e o contraponto, já que a variedade das fontes, como já foi dito, é mínima. Só ocorre conflito de versões quando o jornalista ouve o acusado, o que dificilmente acontece. Ainda, orientado por advogado, o acusado quase invariavelmente simplesmente nega a acusação. Durante a pesquisa, não conseguimos localizar uma matéria onde o jornalista, pela fala do acusado “percebe” ou “capta” a sinceridade da declaração. Disso resulta que acusações justas ou injustas são sempre negadas e a negativa é editada burocraticamente nos jornais.

Quanto à presença do repórter na apuração da notícia percebemos, pelo resultado obtido, que ela é rara. Percebemos isso, algumas vezes pela falta de fotos, utilização de fotos de arquivos, excesso de informações visivelmente retiradas dos boletins de ocorrência e excesso de detalhes



dramáticos da narração das histórias. Como decorrência deste afastamento físico do repórter do local do fato prevalece a versão unilateral, já que o número de fontes se restringe pela falta de oportunidade de consultar pessoas envolvidas e que tenham pontos de vista diferentes do fato em apuração.

Quando o repórter se mostra presente no local do evento, a matéria fica mais rica em detalhes e traz a percepção do jornalista quanto ao acontecido. Ainda assim, as fontes permanecem repetitivas. No jornal A Tribuna, as características que denunciam a ausência do repórter no local do evento são percebidas com frequência. Nas notas percebemos claramente a presença dos boletins de ocorrência, sem nenhuma apuração ou análise, e nas matérias a riqueza de detalhes que compõem uma narrativa.

No jornal A Gazeta essa característica é menos presente. Em relação ao sentido emocional da matéria A Gazeta é mais sutil. No entanto, ambos os jornais encontram aceitação de acordo com o seu público. Já A Gazeta falha pela pouca abrangência e profundidade dos fatos. Apesar da presença do repórter no local do crime ser mais sutil em A Gazeta, ainda assim os fatos continuam sendo baseados em declarações de autoridades policiais, seja por conversa direta ou pela leitura de depoimento à polícia.

Características principais quanto ao uso de imagens e infografias

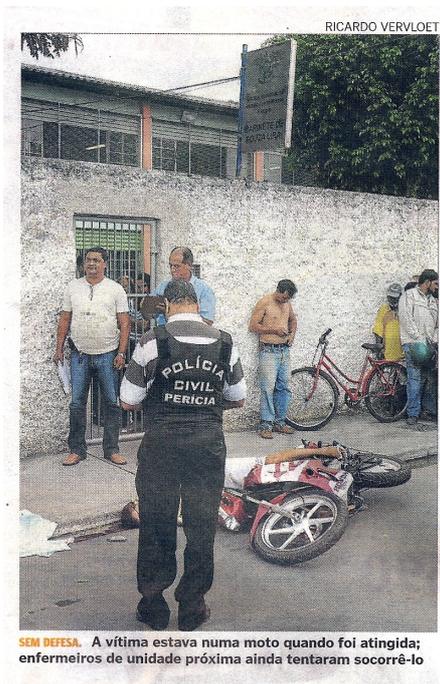
As fotos tendem ao sensacionalismo, embora usem recursos para simular suavização. Continuando o viés mercadológico da informação, os jornais exploram fotos sensacionalistas mas que tendem a suavização. A maneira como os repórteres fotográficos cobrem a editoria de polícia hoje decorre de um processo de abrandamento do impacto nos leitores. Antes havia a necessidade de mostrar o corpo, hoje são usados outros artifícios.

No jornal A Tribuna do dia 2 de abril, a matéria “Baleado ao atacar casa de promotor” traz uma foto com um chinelo no chão em primeiro plano. A foto não interage com a matéria porque dá a entender que o assaltante foi morto, o que não aconteceu. Além disso a imagem é vaga. Quem garante que o chinelo é do rapaz baleado? E a casa ao fundo da foto, é a do promotor?



Após ser baleado, jovem correu e deixou chinelo para trás

No jornal A Gazeta do dia 19 de junho, a matéria “Rapaz é executado na frente de escola estadual” o repórter fotográfico não deixou de mostrar o morto, mas para diminuir o impacto pegou um ângulo que mostra em primeiro plano um policial civil fazendo a perícia na cena do crime e encobrindo parte do corpo do assassinado. Ainda assim não deixa de ser impactante.



SEM DEFESA. A vítima estava numa moto quando foi atingida; enfermeiros de unidade próxima ainda tentaram socorrê-lo

Vale ressaltar que em A Tribuna é recorrente o uso de fotos de arquivo, o mais agravante é que não são apenas as fotos gerais, ou seja, que podem ser usadas em mais de uma matéria, mas as principais, que movem a notícia. Um exemplo é a reportagem especial do dia 30 de março sobre o tráfico de drogas realizado por taxistas. A foto que dava sentido à matéria era de 5 anos atrás, o que faz o jornal perder a sua credibilidade já que o fato é antigo e perde o valor notícia no quesito atualidade. Além disso o conteúdo da matéria também mostra as poucas novidades, a foto de



arquivo não seria problema se o jornalista fosse capaz de recuperar o assunto, o que não acontece.

Em A Tribuna, além das fotos de arquivo são muito utilizadas fotos de autoridades policiais, principalmente delegados. Essa prática é comum para valorizar a imagem do chefe de polícia diante da sociedade.

Ainda sobre a cobertura fotográfica, é preciso dizer que A Tribuna erra mais que A Gazeta também porque tem mais páginas, então tem mais matérias e tem que ter mais fotos. Isso não significa que a incidência de erros é equivalente proporcionalmente. Mas isso não justifica a má qualidade das coberturas, tanto em relação as fotos quanto ao texto.

Em A Gazeta a cobertura fotográfica é caracterizada pela ausência de fotos de autoridades nas notícias, sejam policiais ou delegados. Eles podem até aparecer, mas sempre executando uma ação, nunca numa mesa conversando com o repórter. Embora não tenham muitas reportagens especiais de violência em A Gazeta, as que são publicadas têm suas fotos tratadas de maneira diferenciada, como a reportagem do dia 5 de abril sobre violência no interior do estado. Todas as fotos utilizadas enfatizam o olhar, seja das vítimas ou pessoas ligadas a elas. Os recursos visuais reafirmam a expressão de sofrimento nos casos apresentados na matéria, inclusive com as margens pretas e gastas das fotos e da margem superior da página.

Apesar disso, nem sempre A Gazeta acerta. A matéria do dia 30 de março, sobre abuso sexual de menores, é desvalorizada pela péssima seleção de fotos que ilustram a página. Infelizmente, a imagem não causa o impacto que esse assunto deveria provocar. A imagem não deixa claro a representação visual da matéria. O desenho de duas crianças, um menino e uma menina, são sombrios e tem aspecto sujo. Os dois poderiam ser moradores de rua, consumidores de drogas ou outras coisas. Ou seja, texto não casa com a imagem.

Características principais quanto a capa

Em relação a capa, tanto pelo formato distinto como pela diferenciada abordagem policial, os dois jornais não tem muitas características em comum.

A Gazeta trabalha com seu formato de maneira muito inteligente, com uma diagramação que permite um jogo de imagens que fazem sentido com o jornal dobrado, que é a maneira como o leitor o recebe. A capa geralmente é reservada para as editorias de política e economia, raramente para a de polícia, o que a diferencia de A Tribuna. Devido ao formato, a capa de A Gazeta permite maior quantidade e flexibilidade de chamadas e fotos.

A capa do jornal A Tribuna, dificilmente mostra as reportagens especiais de polícia que o jornal costuma apresentar, quando aparecem é sem destaque algum. Ainda assim, a capa é



reservada, na maioria das vezes, para a editoria de polícia. Devido ao formato A Tribuna coloca em sua capa apenas uma foto de destaque, grande, no centro, e em volta algumas pequenas chamadas. Apesar das manchetes serem de violência, as fotos são, na maior parte das vezes, de comportamento, outro assunto bastante explorado pelo diário. Isso quando não acontece nenhum acidente de carro que resulte numa foto de grande expressividade.

Características principais quanto às notas

As notas de A Tribuna e A Gazeta tem muito em comum. São visivelmente usadas para preencher a diagramação da página, na maior parte dos casos não cita fontes, não tem nenhuma declaração e dizem respeito a situações factuais sem qualquer aprofundamento e relevância para a sociedade. Geralmente são tiradas de boletins de ocorrência e do Centro Integrado Operacional de Defesa Social, Ciodes.

Em A Gazeta não há muito investimento em notas até porque o espaço para segurança não é muito grande.

Enquanto isso, A Tribuna reserva uma coluna inteira de suas páginas na editoria de polícia que vai do topo ao fim da folha com pequenas notas. Vale ressaltar que essas notas, como dito antes, não possuem relevância alguma, parecem mais completar a página e facilitar a diagramação.

Características principais quanto às matérias

Matéria é “tudo que o público necessita saber, tudo que o público deseja falar” (PENA, 2005, p.71). O que vira notícia é o que, na opinião do jornalista, orientado por seus critérios, deve ser inserido na realidade do leitor.

Em A Gazeta e A Tribuna as matérias são predominantemente factuais. Esse é o tipo de texto mais utilizado pelos jornais. Alguns carecem de fotos e um desenvolvimento mais completo do assunto, deixando lacunas quanto ao desenrolar do caso. Dessa maneira, percebemos a falta de suítes. Apenas nos casos de muita comoção social é que os jornais apostam nisso, inclusive com grande excesso de repercussão e ainda mais se um jornal começa a investir no assunto.

De maneira específica, A Gazeta possui poucas matérias temáticas, mas quando aparecem costumam ser bem elaboradas. Vale ressaltar a ausência absoluta de estudiosos e pesquisadores de violência do ES, por exemplo a equipe do Núcleo de Estudos Evidenciários da Universidade Federal do Espírito Santo, NEVI. Pecam, como é recorrente, em não fazer ou produzir uma análise mais profunda e em promover uma discussão.

A Tribuna, igualmente, tem matérias factuais com fontes unilaterais. A linguagem favorece o sentido emocional dos relatos e apresenta fotos.



Características principais quanto às reportagens

Segundo João de Deus Corrêa, “reportagem é um relato jornalístico temático, focal, envolvente e de interesse atual, que aprofunda a investigação sobre fatos e seus agentes” (PENA, 2005, p. 75). O assunto precisa ser de interesse público e trazer o maior número de elementos que o torne um bom instrumento de aprofundamento e ampliação do caso.

Em comparação com a notícia, o grande diferencial da reportagem é mais abrangente e trata do assunto com maior complexidade, o que requer um texto mais envolvente, fontes diversificadas e contextualizações bem amarradas.

As reportagens policiais de A Gazeta e A Tribuna se utilizam predominantemente da *reportagem de fatos*, que aprofunda o conhecimento a cerca de um fato de grande dramaticidade; da *reportagem polêmica*, que explora assuntos polêmicos apresentando o debate de um determinado assunto com o confronto de ideias; da *reportagem monotemática*, que destaca um acontecimento recente fazendo a relação com outros similares; e em menor constância a *reportagem de ação*, que reconstitui os fatos com estilo cinematográfico, de maneira dinâmica e ágil. Esses modelos se encontram dispersos e hibridizados dentro dos jornais.

Quanto à periodicidade das reportagens de violência, A Tribuna costuma apresentar mais de uma matéria sobre o assunto por semana. Sempre nas duas ou três primeiras páginas do jornal, o texto segue basicamente o mesmo modelo: a partir de um resultado apresentado pelas autoridades policiais, ou de denúncias comprovadas posteriormente na prática, seja por causa de um fato de grande comoção acontecido anteriormente ou não, o jornal detalha o caso de declarações de policiais, moradores de determinado bairro ou fontes especializadas (a última em menor proporção). As fotos e a diagramação seguem o mesmo padrão diário, tanto em relação ao tamanho como às imagens escolhidas. Ao final, essa fonte especializada dá um panorama do assunto, opinando sobre o que foi abordado, sendo que nem sempre essa opinião se mostra bem explorada pelo repórter na produção do texto.

Já A Gazeta tem uma periodicidade menor, com reportagens de abertura do caderno Dia a Dia, do qual a seção Segurança faz parte, ou, mais raramente, reportagens de domingo. Esses textos costumam apresentar fontes mais diversificadas, embora deslize na hora de ampliar o assunto, provocando conclusões equivocadas ou repetindo o senso comum. A estrutura é mais variável, com valorização da figurativização, por meio de fotos maiores que o habitual e diagramação que se relaciona com o tema.



Cobertura policial em caso de acidente de trânsito

Existem muitos casos de acidente de trânsito no Estado. Os jornais fazem disso notícia diariamente, especialmente quando o acidente envolve mortos e/ou acontece em vias de grande fluxo de veículos e pedestres, como em rodovias e vias troncais. Em A Tribuna permanece o predomínio da linguagem emocional e do detalhamento do acontecido. Geralmente os acidentes são notícia de capa com foto.

Em A Gazeta os acidentes não ganham muito destaque mas prevalece a versão aceita pela polícia. Quanto às fontes, nos dois jornais predomina, como em matérias de outros assuntos, a narrativa contada pela autoridade policial. Novamente as matérias são factuais, restritas ao acontecimento, e poucas vezes promovem um debate ou uma análise crítica em relação a um ponto específico da cidade ou da região que tenha uma grande incidência de acidentes de trânsito, como por exemplo a BR-262 ou BR-101.

Quando são publicadas matérias sobre esses focos de constantes acidentes de trânsito, elas não entram na seção de Polícia ou de Segurança, mas na Dia-a-dia no caso de A Gazeta e na Cidades em A Tribuna.

A contradição entre a cobertura de crime que envolve periferia e bairros nobres

O noticiário de violência reproduz o estereótipo dos crimes cometidos em bairros nobres e periferia e por pessoas de bairros nobres e periferia. Tanto na cobertura de A Gazeta e A Tribuna, o crime cometido por pessoas de bairro de periferia é tratado com indiferença, apenas mais um, já os cometidos por pessoas de bairros nobres são intensamente explorados ganhando capa e suítes como se o extraordinário tivesse acontecido pelo fato de uma pessoa de um bairro economicamente superior ter cometido um crime. É bom lembrar que a maior parte dos casos envolvendo pessoas de classe alta são delitos de trânsito, brigas em boates e festas e envolvimento com o tráfico de drogas. Crimes estes que são cometidos predominantemente por jovens entre 16 e 25 anos de idade. Nesse sentido, o jovem rico é costumeiramente chamando de “jovem de classe média alta” ou “jovem de classe média”, o que acaba sendo interpretado pelo leitor como “filhinho de papai”. Os crimes de colarinho branco não “merecem” as páginas de polícia, elas vão para a editoria de política.

Em A Gazeta, é maior a presença de “membros da classe média” quando o crime é de trânsito. O jornal costuma questionar a impunidade dos criminosos e comemorar a condenação dos que são obrigados a responder a um processo judicial, principalmente quando o acidente de trânsito resulta na morte de algum envolvido. Os casos são acompanhados com suites e intensa apuração do processo.



Como em A Tribuna, os delitos acontecidos em bairros periféricos ou crimes cometidos por pessoas desses bairros são tratados com trivialidade, já que esses são considerados os mais recorrentes. A cobertura tende a dar a impressão de que a violência e principalmente os crimes mais sórdidos se restringem aos bairros mais pobres.

Características das matérias temáticas discutindo políticas públicas

É raro encontrar matérias sobre política de segurança pública na editoria reservada a esse tema. O mais comum é encontrá-las na editoria de política ou geral, já que elas servem para anunciar um feito dos governos. O que mais aparece é sobre sistema carcerário, e praticamente nunca políticas de prevenção. Ou seja, o jornal trata como temas de segurança pública apenas casos factuais de violência e sistema carcerário, restringindo assim a noção que o leitor tem sobre a amplitude do tema.

Em A Gazeta é bom destacar três entrevistas sobre segurança pública publicadas no mês de março e abril. A primeira é com o Secretário de Segurança Pública, Rodney Miranda, a segunda com o representante da pastoral carcerária da Igreja Católica padre Kelder Brandão, e a terceira com o diretor-executivo do Instituto Sou da Paz, Denis Mizne. As três entrevistas tiveram importante profundidade e explicação do tema. No entanto, é curioso perceber que embora o jornal disponibilize uma página de entrevista em que o maior destaque na questão de violência é a necessidade das pessoas se indignarem e de criar um aprofundamento no debate sobre segurança pública, o próprio jornal não faz isso em sua cobertura diária.

Como em A Gazeta, no jornal A Tribuna matérias de segurança pública sempre entram na editoria de política, e a editoria de polícia é reservada a algumas matérias sobre sistema carcerário.

Conclusão

A nós cabe refletir sobre a relevância para a constituição de um cidadão consciente e bem informado. Considerando que o importante é o que o público quer comprar, é visível que o que prevalece é a lógica do mercado e não os princípios éticos para a promoção de uma sociedade mais consciente, pois não basta o leitor ficar sabendo o que acontece, mas sim que se mobilize.

Numa observação superficial, pode parecer que A Gazeta faz um jornalismo policial superior ou comete menos erros se comparado com A Tribuna, mas na verdade percebemos que A Gazeta somente erra menos que A Tribuna porque faz um jornalismo burocrático e repetitivo, enquanto A Tribuna investe em uma produção também repetitiva mas com uma forte tendência popularesca.

Essa burocracia de A Gazeta é o reflexo da satisfação da necessidade do seu leitor alvo, que



prefere economia e política e não quer ser impactado pela violência capixaba. Já A Tribuna precisa equiparar o jornalismo policial aos desejos do seu leitor fiel e por isso derrapa na qualidade do jornal para atingir esse objetivo.

Ai está o grande desafio dos dois jornais de circulação diária no estado: se querem de fato atingir uma boa qualidade e promover um jornalismo que vai além do informar e passar longe da alienação fazendo bom uso do poder que a comunicação tem para a transformação da sociedade, eles precisam rever suas práticas e suas abordagens para enfim conseguir ter um jornalismo de violência de qualidade.

Servir ao interesse público. Essa é a resposta mais comum a pergunta sobre a função do jornalismo. A principal finalidade do jornalismo é formar cidadãos inteligentes e responsáveis para que exerçam sua liberdade com consciência. Em “Os Elementos do Jornalismo”, Bill Kovach e Tom Rosenstiel explicam que esse pensamento se sustentou ao longo da história, a ponto de não vermos o jornalismo dissociado da democracia e do conceito de criação de comunidade. Isso chega ao ponto da liberdade ser suprimida quando a imprensa é suprimida.

“Essa missão democrática não é só uma ideia moderna. O conceito de criar independência, no que se refere ao papel da imprensa, aparece ao longo dos séculos manifestado não só por jornalistas, como também por revolucionários que lutaram pelos princípios democráticos tanto nos Estados Unidos como em outras democracias em desenvolvimento” (KOVACH, 2003, p. 35).

Mas não podemos chegar tão simplesmente na finalidade do jornalismo sem nos voltarmos para o processo de produção jornalístico. E talvez aí encontramos o motivo de tantos equívocos na cobertura de polícia oferecida pelos principais periódicos do Espírito Santo aos cidadão capixabas.

Não é novidade dizer que as redações tem se reduzido com a mesma velocidade de penetração das novas tecnologias. O interesse econômico prevalece sobre a necessidade de um ambiente que proporcione um jornalismo capaz de realizar sua finalidade tão unanimemente primordial para a consolidação de uma sociedade melhor.

Nesse trabalho preliminar, pretendemos identificar e analisar as lacunas e desafios enfrentados pelo jornalismo policial no Estado. Agora, cabe a nós, futuras jornalistas, voltar nossos olhos ao repórter, agente desse contexto, que muito tem responsabilidade pelo que notamos. Embora seja em certa medida refém da “política editorial” dos veículos que o emprega, também não pode ser totalmente abonado da sua responsabilidade, não podendo negligenciar sua consciência pessoal.



Referências bibliográficas

Kovach, Tom Rosenstiel e Bill. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.
Pena, Felipe. **Teoria do jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.